



Agricultura Familiar:

Pesquisa, Formação e Desenvolvimento

RAF. v.12 , nº 01 / jan-jun 2018, ISSN 1414-0810

Apresentação

Gutemberg Armando Diniz Guerra, Doutor, Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares – INEAF/UFPA, gguerra@ufpa.br

Flávio Bezerra Barros, Doutor, Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares – INEAF/UFPA, flaviobb@ufpa.br

William Santos de Assis, Doutor, Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares – INEAF/UFPA, williamassis@ufpa.br

Natureza e Agricultura nas artes

Este número da Revista Agricultura Familiar é diferenciado na forma em que os textos se apresentam e oferecem. Seus autores foram palestrantes na disciplina Natureza, Agricultura e Arte do Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável, ministrada sob a forma de aulas expositivas e peripatéticas durante os anos de 2014 a 2016. Os artigos são oriundos dessas exposições e por isso pelo menos dois deles se aproximam de formas coloquiais de expressão, pois foram transcrições das aulas. O texto de acadêmicos portugueses convidados por terem organizado uma exposição sobre Alexandre Rodrigues Ferreira em Coimbra é o único que não fez parte das atividades da disciplina. O doutor Pedro Júlio Enrech Casaleiro e a mestra em Museologia Helena Maria Martins Costa Pereira escreveram sobre as contribuições do naturalista brasileiro comissionado pelo Governo Português e que constituiu uma das mais importantes coleções etnográficas sobre a Amazônia do século XVIII.

A ideia central desse número foi refletir sobre as apropriações da natureza e agricultura nas diversas áreas das artes e produzir um registro que pudesse servir de referência para essa atividade. O objetivo geral da disciplina era favorecer a discussão de temas rurais, em particular os ligados à produção camponesa, no âmbito das diversas formas de expressão artística. A metodologia de construção dos textos foi baseada nas apresentações, algumas delas sendo a própria aula escrita pelo autor, outras foram gravadas, transcritas e editadas no formato de ensaios, finalizadas após leitura e correção pelos autores das falas transformadas em textos para essa edição.

Neste número organizado seguindo uma lógica reflexiva, iniciamos por uma introdução com enfoque nas epistemologias das ciências e das artes feita pelo professor, doutor e poeta João de Jesus Paes Loureiro. Ele demonstra a proximidade entre ciência e arte, ambas calcadas na experimentação e na crítica aos esforços de compreensão do mundo. É um texto de caráter didático, chamando a atenção para a ligação entre o campo da arte e o da ciência como espaços ligados como expressão humana. Prima pelo cuidado em explicitar conexões entre emoção e razão, afirmando a indissociabilidade entre elas, marcando, por esse aspecto, distanciamento e ponderação em relação às visões e posicionamentos de cientistas e artistas desprovidos da acuidade nesse tipo de análise.

A associação entre arte e política é inevitável na leitura e análise de um dos elementos fundamentais na obra de Dalcídio Jurandir, o açáí. Guindado, no artigo do professor Romero Ximenes, ao status de marcador de classe social e articulador de relações sociais explicativas do ambicioso trabalho do autor marajoara, o açáí enfeixa qualidades e expressa como, nesse autor, homem e natureza se entrelaçam. Dialoga com autores dos campos da filosofia, da ciência política e das artes para demonstrar o aspecto sociológico e antropológico da mobilização que Dalcídio Jurandir faz dos elementos da natureza apropriada culturalmente no espaço estuarino amazônico.

Avançando na reflexão sobre a relação entre a natureza e a agricultura demonstrada nos diversos ramos das artes, é reforçado o peso específico acentuado ao campo da literatura com artigos que projetam autores paraenses que se tornaram universais. Nesse sentido, Paulo Roberto Vieira e Ligia Rivello Baranda Kimori em “Travessia do jabuti: traços da natureza em versos de Mário de Andrade e Max Martins” fazem dialogar a obra do paraense reconhecido pela amazoneidade de seus versos e Mário de Andrade, poeta urbano viajante que ficou marcado por sua presença nessa mesma região, durante um período curto, mas inesquecível pelos registros que deixou. De gerações diferentes e sem um conhecimento pessoal entre eles, o diálogo que o artigo propõe é instigante e muito rico de conteúdos que nos fazem viajar a toda/plena vela da imaginação e criatividade!

O naturalismo embrionário e o visionarismo de Inglês de Sousa vêm explicitados no artigo do Professor, doutor e escritor Paulo Jorge Martins Nunes. Ele o faz estabelecendo comparações e análises em que envolve Dalcídio Jurandir, pelas mesmas razões que este fora mobilizado nos textos anteriores, qual seja, a sua importância interpretativa do mundo amazônico. A riqueza e acuidade do trabalho, expresso nesse texto sob forma de roteiro de aula, se afinam com o que o professor João de Jesus Paes Loureiro demonstra no primeiro artigo desse volume.

Jorane Castro, graduada e mestra formada entre o Brasil e a França, mestra formada na França e professora do Curso de Cinema da UFPA oferece, a partir de sua intensa trajetória como cineasta, uma visão aplicada de como a natureza e seus recursos são utilizados na arte cinematográfica. Revela aspectos da produção animada que fogem à percepção do senso comum e aguça a sensibilidade para a compreensão da composição nesse ramo do conhecimento.

A professora, doutora e atriz Zelia Amador de Deus abre os olhos do leitor para a trajetória da arte dramática que se ancora e cria conceitos que balizam toda a epistemologia da narrativa visual e de seus espectadores, deslindando diversas nuances dessa arte. Da celebração das colheitas na floresta até a construção dos espaços de apresentação construídos com cenários e atores travestidos em personagens, o texto é uma viagem histórica e cultural que demonstra os marcos da ética e estética ocidental.

Da professora e mestra Délcia Pereira Pombo em parceria com a Professora Doutora Josebel Akel Fares, do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas da Universidade do Estado do Pará tem-se como contribuição um artigo que trata de relatos de experiências de mulheres em situações de cura de enfermidades no ambiente amazônico, em particular no arquipélago marajoara. A abordagem coloca as interlocutoras como interpretes de suas vivências e se constitui em relevante descrição e análise dos conhecimentos populares. A ligação com nossa temática vem pela arte da narrativa popular, nesse caso apropriada a situações em que se associam memória e saberes locais.

O artigo dos pesquisadores portugueses, Pedro Casaleiro do Museu da Ciência em Coimbra e da mestra em Museologia Helena Maria Martins Costa Pereira lançam luz sobre a importante coleção dos responsáveis pelas Viagens Filosóficas promovidas pelo governo português na perspectiva de suprir as debilidades que se apresentavam na economia lusitana nos fins do século XVIII. Embora escrevam e esclareçam sobre as coletas feitas em outros continentes, o foco é a coleção botânica, zoológica, mineralógica e etnográfica realizada ao longo de dez anos (1784 a 1793) pelo filósofo da ciência Alexandre Rodrigues Ferreira. A trajetória por extensa área da Amazônia, do Pará ao Mato Grosso, passando pelo Amazonas e o que viriam a ser Acre e Rondonia, resultou em um acervo cobiçado pelas forças políticas europeias, dispersado e dilapidado parte dele que continua a ser um tesouro a ser explorado.

Apresentações feitas em sala de aula sobre fotografia, música e a poética amazônica, assim como as aulas peripatéticas sobre escultura e pintura, feitas nos museus de Belém, pela dificuldade em serem gravadas e transformadas em texto, ficaram sem representatividade nesse volume, mas estão registradas e poderão vir à luz em outro momento. Marcamos esse aspecto pela apresentação, na capa, do quadro de Antonio Parreiras, “A Conquista do Amazonas”, que se encontra no Museu do Estado do Pará, à cuja direção, representada pelo Sr. Sérgio Alencar de Mello, firmamos os nossos mais vibrantes agradecimentos pela cessão da imagem na fotografia de João Ramid. Agradecemos igualmente aos dirigentes do Sistema Integrado de Museus e Memoriais do Estado do Pará pela autorização para esse uso. O quadro impressiona pela sua dimensão física (4m x 8m) e pela qualidade da arte que nele se expressa, evocando o encontro das culturas europeia e amazônica. A obra nos foi apresentada pelas professoras Marisa Mokarzel e Renata Maués em aulas no próprio Museu.

Esperamos que essa seja uma contribuição importante para que os pesquisadores possam se apropriar da sensibilidade estética e incluir nos seus artigos, dissertações e ensaios, a dimensão emocional que a arte proporciona, humanizando a ciência.